

2020 – Amanhã será um ouro dia

Luiz Carlos Bresser-Pereira

Nota no FaceBook e no Twitter, 1.1.2021

Terminou ontem 2020, que foi um ano mau para o mundo devido ao Covid-19 e um mau ano para o Brasil devido ao vírus e ao presidente que está aí – um presidente que desgoverna o Brasil e envergonha os brasileiros.

Em seu último artigo desta semana para Valor, o notável sociólogo José de Souza Martins falou sobre nossa dependência. “Nossa dependência nunca foi tão cômica como na relação Bolsonaro-Trump. Mas é antiga.

“O ‘eles’ que existe em nossa cultura desde quando tentamos nos tornar brasileiros, foi sendo inventado por nós mesmos. Foi fácil ocupar o nosso jardim e, depois, matar o nosso cão e convencer-nos a cuspir em nossa cara o desprezo pelos nossos sonhos e pela solução de nossas carências.”

Nada mais verdadeiro. Nós nos subordinamos ao imperialismo por hegemonia ideológica dos Estados Unidos porque quisemos. Porque nossas elites preferiram se identificar com as elites de lá, ao invés de com o Brasil e os brasileiros.

Nós quisemos crescer consumindo ao invés de poupando. Produzindo o mais fácil – as commodities – e deixando por conta dos outros, cada vez mais da China, a produção industrial e de serviços sofisticados.

A indústria que sobrou aqui tornou-se propriedade estrangeira. Começamos, então, a vender também a nossa infraestrutura para financiar nossos déficits em conta-corrente e, portanto, nosso consumo. Os liberais justificaram a desnacionalização (“não faz diferença o Brasil produzir potato chips ou microchips”), e os desenvolvimentistas vulgares, para a alegria dos entreguistas, a política de endividamento externo: “somos keynesianos e aumentamos salários para criar demanda”.

Mas ainda há esperança. Na última CartaCapital, o cantor e poeta maior, Caetano Veloso, nos diz adotar um “otimismo programático” para evitar o derrotismo. Ele tem razão. E Brasil e os brasileiros estão sendo derrotados, mas eu me lembro do Chico: “amanhã há de ser outro dia”.